

**AS PRIMEIRAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM E O
DESENVOLVIMENTO DESTA PROFISSÃO NO BRASIL¹**
The first Nursing Schools and the development of this profession in Brazil

Beatriz Lemos Stutz²

RESUMO

A partir da concepção dialética do conhecimento, este texto procura contribuir para o debate, reflexão e compreensão das forças sociais, políticas, econômicas e culturais que marcaram a construção do exercício profissional da enfermagem no Brasil e das primeiras escolas a ela relacionadas. Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, sob o Protocolo de Registro nº. 079/08, tem, como fontes de estudos, dispositivos legais do Ministério da Educação e Cultura, Ministério da Saúde, documentos impressos e manuscritos existentes no Arquivo Público de Uberlândia, como também, nos arquivos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas e do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz.

Palavras-chave: História, Educação, Enfermagem.

ABSTRACT

Through a dialectical conception of knowledge, this text looks for contribute to the debate, reflection and understanding of the social, political, economic and cultural factors that marked the construction of nursing practice in Brazil and the first schools related to it. Approved by the Ethics Committee of the Federal University of Uberlândia, under the Protocol Registration no. 079/08, has as studies sources the legal provisions of the Ministry of Education and Culture, Ministry of Health, printed documents and manuscripts held in the Public Archives of Uberlândia, but also in the archives of the Center for Research and Documentation of Contemporary History of Brazil's Getúlio Vargas Foundation and the Archives and Documentation Department of Casa de Oswaldo Cruz.

Keywords: History, Education, Nursing.

No mundo contemporâneo, o profissional da enfermagem carrega consigo uma herança histórica que tem na origem de sua formação a influência de princípios norte-americanos, deixada por enfermeiras americanas, trazidas ao Brasil no início dos anos 20 do século XX pela Fundação Rockefeller.

Em sua história, há também a forte influência de princípios religiosos já no século XVIII, quando os cuidados prestados aos doentes no interior de instituições de saúde

¹ Este texto comunica parte dos resultados alcançados na pesquisa intitulada “Técnico em Enfermagem no Município de Uberlândia: a construção histórica de uma profissão e a primeira instituição escolar” relacionada ao doutoramento realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Lucena.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Escola Técnica de Saúde da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: soe@ufu.br

eram coordenados por Irmãs de Caridade. Segundo Padilha e colaboradores (1997), as Irmãs comandavam a assistência de enfermagem que se resumia em administrar medicação no horário determinado pelo médico, zelar pela higiene tanto dos pacientes quanto do ambiente hospitalar e cuidar dos mortos. Em meados do século XVIII, com a subscrição do hospital como instrumento de cura, a organização hospitalar passa a ser assumida por médicos e as religiosas perdem a primazia nesse processo. A divisão do trabalho já se fazia presente na relação entre os profissionais da saúde:

Iniciava-se a divisão social do trabalho hospitalar tornando mais nítidos os contornos da separação social de classes. A divisão do trabalho de enfermagem se dá como uma divisão do trabalho médico e das irmãs de caridade, isto é, as tarefas manuais e aquelas que envolvem cuidados com o corpo nu passam a ser atribuição da enfermagem, porém sob a hegemonia das irmãs de caridade e da prática médica. Embora tenham decorrido quase dois séculos, em muitos lugares a assistência de enfermagem ainda é subsidiada pelo trabalho e pelo pensamento médico. A disciplina e o controle são inerentes à enfermagem. (PADILHA et al., 1997, p.27-28).

Durante o Governo Provisório da República no Brasil, foi criado o Hospital Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, em 1890, cuja construção ocorreu diante da necessidade de atendimento a pacientes psiquiátricos, que chamavam atenção da sociedade na época pelo abandono, pela falta de cuidados e/ou negligência com que eram tratados, muitos deles sofrendo violência física. Por outro lado, essa mesma sociedade queria mantê-los afastados de seu convívio, portanto longe dos centros urbanos. Em decorrência do desprestígio a que foram legadas nesse período, as irmãs de caridade, diante de maior controle das ações de saúde pelos médicos, abandonaram o hospital, gerando a necessidade de pessoal para prestar assistência aos pacientes. Nesse momento, entram em cena enfermeiras francesas, leigas, contratadas no governo Campos Sales, por solicitação do diretor do hospital, para suprir a falta de pessoal qualificado para o atendimento. No mesmo período, no ano de 1890, foi criada a primeira escola de enfermagem no país, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE)³, pelo Decreto Federal nº. 791 de 27 de setembro, do Governo Provisório da República, que mais tarde passaria a ser denominada de Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Com a finalidade de preparar profissionais para o exercício da enfermagem e, embora houvesse uma preocupação governamental com o controle das epidemias, o trabalho desta escola esteve direcionado para a formação em assistência hospitalar, em detrimento das questões de saúde pública, uma vez que foi forjada pelas necessidades de atendimento ao paciente psiquiátrico.⁴ Com esse Decreto tem-se início a profissionalização das atividades de enfermagem e sua caracterização como ensino oficial.

A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras surgiu também em um período em que a sociedade buscava soluções com relação aos destinos de garotas criadas em orfanatos, as quais, sem alternativas de trabalho, permaneciam por longo tempo nas

³ Atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

⁴ KLETEMBERG, Denise Faucz; SIQUEIRA, Márcia T. A. Dalledone, 2003, p.65.

instituições. Contudo, uma pesquisa voltada para registros noticiosos sobre a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras aponta a existência, em relatórios do Hospital Nacional de Alienados, de registros que comprovavam *a impossibilidade de se formar enfermeiras com as órfãs das Pretorias*.⁵ Um relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores relata a dificuldade encontrada para o funcionamento da escola *pela absoluta falta de candidatas nas condições regulamentares*. Segundo esse relatório, as órfãs eram *analfabetas, com pouco amor ao trabalho e má vontade para com os doentes*.⁶ Ainda assim, a formação em assistência em enfermagem foi um meio pelo qual a mulher encontrava aceitação no mercado de trabalho. A enfermagem é tida, no imaginário social da época, como extensão da delicadeza e cuidados maternos aos doentes. Embora a referida escola não tenha sido criada exclusivamente para mulheres, sem dúvida estes aspectos contribuíram para que, por longos anos na história da enfermagem no Brasil, esta tenha sido uma profissão desempenhada por um número reduzido de homens. Já nos anos 90 do século XX, Stutz (1998), ao realizar pesquisa sobre o perfil do técnico em enfermagem no município de Uberlândia, apresentou como uma das características dessa profissão ser uma atividade realizada ainda por uma maioria feminina, porém já com uma participação significativa do sexo masculino (p.124).

Kletemberg e Siqueira (2003), ao apresentarem a origem e os desdobramentos em relação à concretização da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, evidenciam aspectos importantes de sua influência em práticas e políticas educacionais que até hoje se fazem presentes na enfermagem. Tanto a forma de ingresso, quanto as condições para permanência do aluno na escola, reforçam o nascimento da profissão não para uma elite, mas para servi-la, espelhando as diferenças sociais existentes. As autoras mostram que, para ingressar na escola, bastaria aos candidatos possuírem 18 anos, ter noções elementares de aritmética, saber ler e escrever apenas e apresentar atestado de bons costumes. O exercício da profissão estava, dessa forma, voltado para o saber fazer de modo simples, uma vez que foi dada também a alguns alunos a possibilidade de bolsa trabalho, com direito à alimentação, alojamento e gratificação, já a partir do primeiro ano para sua permanência na escola. No segundo ano, a gratificação sofria um pequeno aumento, tendo sido meio de assegurar a permanência e o trabalho do aluno no Hospital Nacional de Alienados (HNA).

Como se vê, o perfil de aluno imposto à escola de enfermagem foi voltado às classes sociais menos favorecidas. Às elites não interessava alojamento, alimentação e tampouco gratificações mensais. Possuíam tudo isso e muito mais. Não se interessavam também por trabalhos considerados inferiores.

No período em que se institui a profissionalização da enfermagem, com a criação da EPEE, a assistência até então prestada aos doentes passa a ser considerada uma prática inadequada, por ser um conhecimento empiricamente aprendido, transmitido de uma geração à outra, sem sistematização que lhe outorgasse o status de profissão. Segundo

⁵ MOREIRA, Almerinda et al. 2002, p. 406.

⁶ Idem, p. 405.

Moreira e outros (2002), a situação de conflito entre médicos e irmãs de caridade, que culminou com o afastamento destas do HNA, já vinha ocorrendo pouco antes do Decreto n.791 de 1890, por duas situações concretas. A primeira refere-se à instituição do Decreto n. 142 de 11/01/1890 que determinou que o hospício e suas colônias fossem desanexados da Santa Casa de Misericórdia, com alteração do nome que até então era Hospício Pedro II para Hospital Nacional de Alienados. Outra situação diz respeito à criação da Assistência Médico-Legal aos Alienados em fevereiro do mesmo ano, com aprovação no mês de junho, resultando na designação de um novo diretor para o hospital. Esse episódio desencadeou grande insatisfação das irmãs de caridade, pois antes disso exerciam o papel de enfermeiras, coordenando as ações em enfermagem nesse hospital e em Casas de Misericórdia, as quais vinham sendo realizadas por pessoas sem formação na área (enfermeiros, leigos, escravos e ex-escravos e africanos livres). Enquanto esse rompimento com o HNA foi abrupto, o mesmo não ocorreu em relação às Santas Casas de Misericórdia, cuja saída das irmãs de caridade foi gradativa. Vê-se, portanto que, na origem da enfermagem, estão os princípios Jesuítas, traduzidos no aspecto religioso e caritativo que dominava o exercício profissional da enfermagem.

Moreira (1999), ao abordar o tema sobre a influência norte-americana na construção da identidade profissional da enfermagem no Brasil, apresenta a importância das ações de saúde pública como forma de afirmação do país enquanto nação e constituição do poder público da Primeira República. Para essa autora, a campanha de saneamento rural desencadeada em 1910 foi uma estratégia nesse sentido, indo ao encontro do pensamento vigente em que a construção da nacionalidade e o desenvolvimento da sociedade estaria atrelado a melhores condições de saúde da população.

A partir de 1920, com a reforma sanitária e a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), a enfermagem teve na figura do sanitarista Carlos Chagas, como diretor deste órgão e do Instituto Oswaldo Cruz, um importante ativista para a instituição da profissão de enfermeiras visitadoras, baseado nos princípios de profilaxia, envolvendo a educação e a saúde, objetivando a melhoria dos hábitos de higiene da população, incluindo o cuidado com as moradias, para saneamento das doenças. Para tal, seria necessária a criação de cursos e escolas que se ocupassem da formação desses profissionais especializados. É aí que entra em cena a Fundação Rockefeller de forma efetiva, juntamente com o DNSP, que após ações iniciadas em 1921, culminam com a criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, em 1923, posteriormente denominada Escola de Enfermeiras D. Anna Nery (instituída escola padrão em 1931).⁷ A partir deste ano a escola passa a funcionar por meio da organização e controle de enfermeiras norte-americanas, trazidas pela Fundação Rockefeller.

A análise realizada por Moreira (1999) de relatórios elaborados pela missão de enfermeiras norte-americanas trazidas ao Brasil pela Fundação, apresenta detalhes sobre

⁷ Em 1937 passou a ser denominada Escola Ana Nery da Universidade do Brasil (foi incorporada a esta Universidade pela Lei n. 452 de 05 de julho/1937). Atualmente possui o nome Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da UFRJ. É comum encontrar na bibliografia e documentos consultados uma inconstância na ortografia do nome Ana Nery. O nome Ana ocasionalmente aparece com dois “n” e Nery com a letra y.

esse importante período na história da instituição da enfermagem como profissão no Brasil, que nos permite visualizar a origem da hierarquia entre os próprios profissionais dessa área ainda hoje, assim como, de sua submissão à categoria médica. Segundo essa autora, apesar das dificuldades referentes a corte de verbas em todos os órgãos governamentais por Epitácio Pessoa, foi feito um acordo entre a Rockefeller e o DNSP, a partir de solicitação formal de seu diretor, o sanitarista Carlos Chagas, para que fosse instituída uma escola de enfermagem no país, diante da necessidade sentida principalmente por Plácido Barbosa, diretor do Serviço de Tuberculose, para formação de pessoal especializado em enfermagem e treinamento das enfermeiras visitadoras já existentes.

Ainda segundo a autora acima citada, as enfermeiras visitadoras já atuavam no país em um trabalho ligado às clínicas do Departamento Nacional de Saúde e seu treinamento vinha sendo realizado pelo Departamento de Tuberculose. Esse trabalho era considerado necessário, uma vez que nesse momento a atenção à saúde pública estava em evidência e os avanços nessa área, em relação ao combate às doenças, dependiam também de maior esclarecimento e envolvimento da população nas questões de higiene e saneamento do ambiente. Mesmo não havendo a pretensão de extinguir essa função, ela começou a ser vista como tendo sérias limitações em relação às qualificações necessárias para o trabalho de profissionais especializados e não apenas leigos treinados em serviço. Inicialmente a Fundação Rockefeller assumiu as despesas com salários e treinamentos até que os problemas com cortes orçamentários fossem resolvidos. Isso porque, L. W. Hackett havia tido a confirmação pessoal do presidente de apoio a esse programa.

A criação da escola de enfermagem para formação de enfermeiras de saúde pública e a organização dos trabalhos de treinamento das enfermeiras visitadoras couberam inicialmente à enfermeira norte-americana Ethel Parsons, que chegou ao Brasil em 1921. As práticas de enfermagem foram avaliadas por Parsons como sendo extremamente precárias:

Os hospitais do Rio de Janeiro, capital da República, eram, em sua maioria, bem construídos e localizados, mas mal ocupados, com excesso de população, segundo avaliação de Parsons. Os médicos estavam sinceramente interessados na assistência, mas a enfermagem era realizada por atendentes, homens e mulheres ignorantes e sem treinamento adequado, como ela própria faz questão de ressaltar. Observa ainda que eram pouco melhores as condições do Departamento Nacional de Saúde, composto pelas divisões de Tuberculose, Doenças Venéreas e Higiene Infantil, nas quais labutavam 44 mulheres jovens capacitadas como enfermeiras visitadoras por curso de 12 leituras teóricas (MOREIRA, 1999, p.626).

Após relatórios e pareceres de Parsons sobre a situação do exercício profissional em enfermagem aqui existentes, foi criado em 1922, pelo DNSP, o Serviço de Enfermeiras coordenado por Kienninger, enfermeira-chefe designada pela Fundação Rockefeller, juntamente com mais sete enfermeiras norte-americanas de saúde pública para consecução dos objetivos propostos. Assim que foi dado início ao curso de capacitação das enfermeiras visitadoras (*visiting nurses*), estas, por decisão das enfermeiras norte-americanas que desejavam demarcar uma distinção entre os profissionais que exerciam

atividades de enfermagem sem qualificação, empiricamente, e aqueles que passariam a exercê-las mediante conhecimento teórico e prático via formação escolar, passaram a ser denominadas de visitadoras de saúde (*health visitors*).

Nesse período ficou claro que, embora passassem a ter formação direcionada à enfermagem, as *health visitors* estariam sob orientação das enfermeiras de saúde pública tão logo a primeira turma de enfermeiras da Escola de Enfermagem concluísse o curso. Esta escola foi inaugurada em fevereiro de 1923 quando paralelamente já estava acontecendo o curso de treinamento das visitadoras de saúde. Mesmo havendo esta distinção, o curso conferia às visitadoras de saúde um status profissional, como mostra Moreira (1999).

De acordo com documento produzido pela Fundação Rockefeller que consta nos arquivos da Casa de Oswaldo Cruz, uma *health visitor* descreve, em relatório, suas impressões sobre a atitude dos médicos em relação às alunas do curso preparatório para visitadoras de saúde, segundo o qual, eles frequentemente chamavam atenção quanto à necessidade de substituí-las por enfermeiras de saúde pública no distrito tão logo estas concluíssem seus cursos⁸. Na visão dos médicos, apesar das visitadoras esforçarem-se diariamente para fazer o melhor que podiam, sua formação precária seria insuficiente para atender às necessidades existentes. Contudo, de acordo com esse relatório, a aluna observa com prazer a mudança gradativa de posicionamento dos médicos em relação ao desempenho dos profissionais auxiliares e para o cenário promissor em relação à permanência de todos no trabalho, após a conclusão do curso, mesmo com a existência a posteriori das enfermeiras de saúde pública. Segundo a aluna, havia evidências diárias da apreciação dos médicos em relação aos bons cuidados em enfermagem prestados aos pacientes pelas alunas no hospital, o que lhes conferia gradativamente um importante papel na equipe de saúde:

Há muitos indicativos esperançosos de que haverá pouca dificuldade em absorver as equipes atuais de Visitadores de Saúde, assim que houver um número suficiente de enfermeiras preparadas para preencher estes lugares. Há evidências diárias da apreciação dos médicos em relação à habilidade das enfermeiras. Dr. Aguinage, um cirurgião esplêndido, e chefe assistente da equipe de cirúrgica do hospital São Francisco de Assis, havia se demitido a fim de se tornar chefe de equipe de outro hospital brasileiro. Retornou após uma semana, pois não poderia operar satisfatoriamente depois de ter se acostumado com a perfeição técnica dentro do centro cirúrgico e o bom pós-operatório dos pacientes oferecido pelo Hospital São Francisco de Assis (ATTITUDE OF DOCTORS AND STUDENTS, 1923, p. 1-2).⁹

⁸ Os artigos 389 e 390 do DECRETO n°. 16.300/23 de 31 de dezembro de 1923 registram essa intenção, explicitando o primeiro a substituição das visitadoras de higiene sem diploma de enfermeiras por profissionais diplomadas à medida que estas fossem sendo inseridas no mercado e o segundo, ser facultativo às visitadoras de higiene que tivessem que ceder seus lugares a enfermeiras diplomadas, completarem o curso na escola, desde que pudessem preencher as exigências para matrícula.

⁹ There are many hopeful signs that there will be little difficulty in absorbing the present staff of Health Visitors as soon as there are a sufficient number of nurses prepared to fill their places. There are daily evidences of the appreciation of the doctors of skilled nursing care. Dr. Aguinage, a splendid surgeon, and assistant to the Chief of the Surgical Staff of Hospital São Francisco de Assis, resigned in order to become Chief of Staff of another Brazilian Hospital. He returned after one week because “he could not operate satisfactorily anywhere else after having become accustomed to the perfection of technique in

É interessante notar que essas profissionais, que na verdade exerciam a função de auxiliares em enfermagem, possuíam uma formação voltada para a doação e o esforço individual no exercício de sua função, cuja visão social do papel da estudante era carregada de atitudes compensatórias e sentimentos altruístas diante da realidade apresentada. Fato este, confirmado no relato a seguir:

A senhorita Lander e a senhorita Schwarte tentaram no começo da escola conferir uma visão social aos estudantes e ajudá-los a ver os pacientes como parte de sua comunidade, para onde deverão retornar. Seu ensino trouxe resultados imediatos que está demonstrado nos dois exemplos que se seguem (ATTITUDE OF DOCTORS AND STUDENTS, 1923, p. 2).¹⁰

Um dos episódios a que a estudante se refere nesse documento e que comprova a observação acima, é o fato de uma das alunas do curso, mesmo tendo uma situação econômica familiar difícil, ter solicitado permissão do pai de uma criança hospitalizada, cuja mãe havia falecido, para levá-la periodicamente para sua própria residência a fim de prestar-lhe os cuidados necessários para sua recuperação. O que ocorreu após negociações e anuência do pai da criança.

Segundo Moreira (1999), ao ser inaugurada a Escola de Enfermagem Anna Nery, a Escola Alfredo Pinto, passou a representar, no âmbito da sociedade, o negativo daquilo que uma escola de enfermagem deveria ser, ou seja, enquanto a primeira representava um modelo a ser seguido, símbolo da modernidade e da eficiência, a segunda passou a ser vista como representação do ultrapassado. As enfermeiras norte-americanas trouxeram para o interior da profissão enfermagem o modelo *nightingaleano*¹¹ que significava disciplina, obediência e subserviência. De acordo com Padilha e colaboradores (1997), desde Florence Nightingale, tais princípios foram considerados indissociáveis ao exercício dessa profissão, não apenas no que diz respeito às ações realizadas, como também no relacionamento médico-enfermeira e equipe de enfermagem-administração hospitalar.

A importância da Escola Ana Nery para a construção da identidade profissional da enfermagem, de seu reconhecimento e organização como profissão na área da saúde, de sua influência na definição dos parâmetros que passariam a nortear seu exercício no país, pode ser confirmada, não apenas por meio de fontes secundárias existentes, algumas delas relacionadas neste estudo, mas também por importante documento histórico, o qual se refere a considerações feitas pelo diretor da Divisão Sanitária Internacional da Fundação Rockefeller

the operating room and good after-care of the patients in Hospital São Francisco de Assis (Attitude of Doctors and students, 1923, p. 1-2).

¹⁰ Miss Lander and Miss Schwarte have tried from the beginning of the school to give a social view-point to the students and to help them to see the patients as a part of his community to which he must return. That their teaching has borne results even so soon, is shown by the two following instances (Attitude of Doctors and students, 1923, p. 2).

¹¹ Florence Nightingale foi reconhecida por participar como voluntária da Guerra da Criméia em 1854 e com o auxílio de mais 38 mulheres conseguiu diminuir significativamente o índice de mortalidade entre os soldados. Florence foi uma nobre inglesa que, em seu trabalho no cuidado aos doentes, deu origem a uma prática de atuação em enfermagem que difundiu-se em hospitais europeus e americanos.

no Brasil, Fred Soper, ao Ministro da Educação e Saúde, no ano de 1942, Gustavo Capanema. Soper, ao responder ao ministro sobre a situação do serviço de enfermagem no Brasil naquele período, além de descrever aspectos gerais da profissão e propor medidas para a organização e efetivação de um projeto de Capanema, objetivando criar o Departamento de Enfermagem no ministério, tece considerações sobre a origem dessa escola, a repercussão do trabalho nela desenvolvido e demonstra um nível de proximidade entre os membros da FR e o governo, revelando sua forte penetração no meio político e social do país:

Sr. Ministro. Por deferência ao pedido verbal de V. Excia. de dados a respeito da situação do serviço de enfermagem, [...] A Escola de Enfermeiras Dona Ana Nery teve sua origem em 1923 como resultado da colaboração da Fundação Rockefeller e do Departamento Nacional de Saúde sob cujos auspícios a Escola foi organizada. Foram formulados planos preliminares em 1921 e a Escola começou realmente seus trabalhos em 1923. A princípio o corpo de professores para enfermagem da Escola Dona Ana Nery era, em sua maior parte, composto de enfermeiras americanas. Tão cedo quanto possível essas professoras foram substituídas por enfermeiras brasileiras, das quais considerável número era enviado aos Estados Unidos, com bolsas de estudos da Fundação Rockefeller, para treinamento especial em assuntos que mais tarde iriam ensinar. A Escola de Enfermeiras Dona Ana Nery foi organizada no Departamento Nacional de Saúde em consequência à necessidade imperativa de enfermeiras em saúde pública, e, é interessante notar que, a grande maioria de diplomadas da Escola tem se dedicado mais à carreira de saúde pública do que à carreira hospitalar (SOPER, 1942, p.1).

Embora Soper tenha justificado a criação dessa escola em decorrência da necessidade de enfermeiras em saúde pública no país, consta em parágrafo logo a seguir, no mesmo documento, a preocupação em suprir a necessidade de pessoal qualificado para os hospitais:

Em vista da carência quase total de enfermeiras bem preparadas para os hospitais do país, alimentava-se a esperança de que a organização da Escola Dona Ana Nery estimularia a criação de outras escolas de enfermagem com padrões de matrícula e de curso igualmente elevados, pois não se podia esperar que a Escola Dona Ana Nery sozinha jamais pudesse suprir o Brasil de todas as enfermeiras de saúde pública necessárias. A almejada criação de outras escolas de elevado nível preparatório não se efetivou e a Escola Dona Ana Nery permaneceu como a única escola de enfermagem no Brasil tentando manter um alto padrão (SOPER, 1942, p.1).¹²

Apesar dos esforços de Carlos Chagas na primeira metade dos anos 20 do século XX, em tentar implantar via reforma sanitária a formação de Unidades de Saúde Locais e

¹² As citações de documentos históricos consultados são aqui reproduzidas conforme os textos originais, sendo fiéis aos registros, sem interferência em sua ortografia.

Permanentes, com equipes de profissionais, incluindo profissionais da enfermagem, que desempenhariam o papel de educadores sanitários, isto não foi consolidado enquanto modelo de saúde pública, uma vez que imperava uma visão nacionalista que rejeitava as bases americanas inerentes a essa proposta. Além disso, a população apresentou certa rejeição aos trabalhos de visitação domiciliar por considerá-los invasão de privacidade. A baixa resolutividade destas ações relacionava-se também ao fato do trabalho educativo requerer, para sua eficiência, a consideração de questões mais sérias, de ordem estrutural na sociedade e não apenas medidas impositivas e de controle de hábitos de higiene e condições sanitárias nas residências (Nascimento e Oliveira, 2006).

Paralelamente à demanda por melhores serviços em saúde pública, a transformação dos hospitais em instituições mais complexas, com utilização de tecnologias cada vez mais avançadas exigia, por sua vez, pessoal qualificado, cuja formação só seria possível mediante a criação de escolas para esse fim. Vê-se então que ao lado do movimento por ampliação e melhoria dos serviços em saúde pública há a valorização e demanda crescente por profissionais da enfermagem na área hospitalar, evidenciando uma contradição presente no discurso de Soper, acima apresentado, no que diz respeito à finalidade dos cursos de enfermagem.

A análise do documento redigido por Fred Soper mostra que, decorridos dezenove anos da criação da Escola de Enfermagem Ana Nery, a atuação de pessoal especializado em enfermagem já não tinha como foco a área de saúde pública, havendo expansão em relação aos cuidados de doentes em hospitais, em residências e escolas de enfermagem:

Depois de discutir a situação da enfermagem no Brasil [...], fiquei convencido de que um reconhecimento preliminar cuidadoso deve ser feito antes que sejam tentadas modificações. Esse reconhecimento procuraria avaliar a necessidade, em diferentes partes do Brasil, de enfermeiras aptas a cuidar de doentes em hospitais e em residências particulares, para saúde pública e para a direção e orientação das escolas de enfermagem necessárias (SOPER, 1942, p.3).

Um dado importante sobre a profissionalização da enfermagem diz respeito à forma de seleção das alunas que ingressariam na escola. Os dados apresentados por Nascimento e Oliveira (2006) mostram claramente, segundo estas autoras, um processo elitista uma vez que, com *a preocupação de melhorar a imagem social do trabalho de Enfermagem, para que as senhoras brasileiras das melhores camadas sociais se interessassem por ele*¹³, exigia frequência ao Curso da Escola Normal ou curso oficial equivalente, idade entre 20 e 35 anos, atestado médico que comprovasse perfeitas condições físicas e mentais, atestado de boa conduta e situação civil de solteira, viúva ou separada legalmente do esposo. Um processo seletivo com tal nível de exigência vem confirmar a quem se destinava a escola. Uma escola exclusivamente para moças das classes média e alta, já que a maioria das mulheres brasileiras possuía, quando muito, a alfabetização.

¹³ NASCIMENTO E OLIVEIRA, 2006, p.139.

Via de regra, as pesquisas, ao discutirem os processos seletivos para ingresso nas escolas, limitam-se a apresentar os itens exigidos, deixando em aberto a percepção e os impactos desse processo sobre a pessoa que dele participa. Impressões registradas em 1925, por uma das primeiras alunas da Escola de Enfermagem, ao participar da seleção para ingresso na instituição, Iracema Índia Brasileira, que constam na Coleção Fundação Rockefeller do Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz¹⁴, contribuem para o conhecimento a esse respeito. Seu relato deixa claro o grau de exigência para o ingresso das alunas, com inquérito minucioso, sentido pela aluna como um “confessionário”, permeado de rigidez e disciplina, transparecida não apenas no questionário e documentação preenchidos, como também pela postura do Comitê de Admissão¹⁵. Para essa aluna, as candidatas passaram por um difícil processo seletivo, cuja entrevista com o Comitê durante “longos cinco minutos” foram interpretados como assustadores. Contudo, a enfermagem apresenta-se em um primeiro momento como sendo a abertura de uma porta para um mundo misterioso e atraente:

Quando recebemos o convite para nos apresentar à Escola de enfermagem, estávamos muito entusiasmadas, [...]. Era a porta de um mundo misterioso que se abria. Como foi difícil esta entrada! Em primeiro lugar, nós tivemos que apresentar um documento que revelasse nossos segredos mais íntimos. Imagine que nos perguntaram nosso peso, idade e nossos defeitos físicos, e eu desconfio que alguns entraram sem fazer uma confissão plena. [...] Pior do que os exames foi uma entrevista que nós tivemos no dia seguinte com o comitê na admissão. Como nós tememos os olhares, como espinhos afiados, daquele comitê! (BRASILEIRA, 1925, p. 1).¹⁶

O grau de prestígio alcançado pela Escola Anna Nery, no cenário brasileiro, pode ser confirmado por documento manuscrito do Ministério da Educação e Saúde, existente no Arquivo Gustavo Capanema da FGV, endereçado às enfermeiras de saúde pública:

A instituição dos cursos de emergência para enfermeiras deve ser desaconselhada, ou pelo menos reduzida ao mínimo. As escolas de enfermagem podem ser estabelecidas com o auxílio material da União, bem como para o seu funcionamento, a cooperação técnica. Sem enfermeiras suficientemente instruídas, com a sua mentalidade formada em um

¹⁴ Esta coleção foi adquirida por pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz nos arquivos da Fundação Rockefeller em Nova Iorque (EUA) no ano de 1988 e está disponível para consulta.

¹⁵ Este Comitê de Admissão foi composto respectivamente por: Ms. Parsons – enfermeira representante da Fundação Rockefeller; Carlos Chagas- médico sanitaria e diretor do DNSP; Plácido Barbosa- diretor do Serviço de Tuberculose e Ms. Keininger – diretora da Escola de Enfermeiras.

¹⁶ When we received the invitation to present ourselves to the School Nursing, we were very enthusiastic, [...]. It was the opening of the door of a mysterious world. How difficult was this entrance! In the first place, we had to bring a document revealing our most intimate secrets. Imagine that we were asked our weight, age and our physical defects, and I suspect that there were some that came in without making a full confession. [...] Worse than the examinations was an interview that we had the following day with the Committee on Admission. How we feared the glance, like sharpened thorns, of that Committee! (BRASILEIRA, 1925, p. 1).

estabelecimento nos moldes da “Anna Nery” não poderá haver perfeitos serviços de tuberculose, higiene infantil, enfim, um bom Centro de Saúde depende muito do seu corpo de enfermeiras (BRASIL, Ministério da Educação e Saúde, 1941, p.1-2).

Ao analisar-se também o Programa da Reunião de Diretoras de Escolas de Enfermagem, promovida pela Escola Ana Neri da Universidade do Brasil e pelo Conselho de Enfermagem para o estudo dos problemas nacionais de enfermagem mais urgentes, realizada no período de 20 a 27 de novembro de 1943, percebe-se o grau de envolvimento e articulação dessa escola com o próprio Conselho de Enfermagem e outras escolas existentes no país, o que contribuiu, sem dúvida, para o prestígio conquistado como instituição escolar de enfermagem. Participaram desse evento, realizado na época nas dependências da escola (que possuía um internato com capela própria), a direção e professores da Escola Ana Neri, representantes da Escola de Enfermagem do Hospital de São Paulo, Escola de Enfermeiras Católicas Luiza Marilac, Escola de São Vicente de Paula de Goiânia, Escola de Enfermagem Carlos Chagas de Belo Horizonte, Escola Alfredo Pinto, Escola Paulista de Enfermeiras da Universidade de São Paulo, Superintendência da Enfermagem de Saúde Pública da Secretaria de Saúde e Assistência da Prefeitura, além das Irmãs de Caridade de São Paulo e da Cruz Vermelha Brasileira.

O programa acima citado envolveu discussões sobre os temas: escolas de enfermagem e sua organização, programa mínimo para escolas de enfermagem, o regime alimentar das escolas de enfermagem, cursos de especialização, aperfeiçoamento e revisão, hospital escola, o ensino da enfermagem, a enfermagem de saúde pública (campo de ação e atividades), professores das escolas de enfermagem e sua seleção, inspeção de escolas de enfermagem, a prática da profissão, regime universitário em escolas de enfermagem, cursos auxiliares de enfermeira, regulamentação do exercício profissional, a carreira de enfermagem, enfermagem de guerra e voluntariado, participação das escolas no Congresso Pan Americano de Enfermagem que seria realizado no Rio de Janeiro em dezembro de 1944, órgãos de publicidade, função e organização da Associação de classe e por fim, as férias para enfermeiras. Como se percebe, já havia nesse período uma mobilização das escolas em torno das questões que afetavam o desenvolvimento da profissão.

Registros históricos mostram uma problemática comum às escolas de enfermagem no país, ainda presente no cotidiano de muitas delas. O ensino da enfermagem requer um aprendizado para além de conteúdos trabalhados em sala de aula, de experiências possibilitadas na rotina diária de instituições de saúde, em especial e fundamentalmente no interior de hospitais. Desse modo, há a necessidade de conquistar um espaço para inserção e acolhimento dos alunos na rotina hospitalar tornado-se muitas vezes um desafio para a instituição educacional.

Para a Escola Ana Neri, isto tornou-se uma problemática que está registrada nos documentos históricos sobre a instituição. Em carta endereçada ao Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em 25 de setembro de 1945, a diretora da

escola, Lais Netto dos Reys¹⁷, apresenta as dificuldades enfrentadas pela instituição em possibilitar às alunas o aprendizado prático da profissão em decorrência da falta de um hospital escola. Ao fazer isto, chama atenção para o fato de, naquele momento, já existirem no país quatro instituições com seus hospitais escolas (Escola do Hospital de São Paulo, Escola de Goiânia, Escola de Fortaleza e Escola do Estado do Rio). Nesse documento, a diretora sugeria ao Ministério da Educação e Saúde que solicitasse à Prefeitura do Rio a posse do Hospital São Francisco de Assis, antigo Asilo de Velhos transformado por Carlos Chagas em hospital, para que o mesmo passasse a servir à Escola Ana Neri como laboratório para suas aulas práticas, o que já vinha ocorrendo há 20 anos, segundo ela, com sérias dificuldades devido às suas condições precárias de instalações e atendimento:

Peço licença para prender a atenção de V. Ex^a. vindo solicitar uma urgente solução para o sério problema que por longos anos vem prejudicando grandemente as atividades da Escola Ana Neri. Trata-se da falta do mais necessário laboratório de uma Escola de Enfermagem- o seu Hospital Escola.

Por anos a fio a Escola Padrão do Brasil viveu em hospitais alheios, prestando-lhes enormes e inestimáveis serviços, à custa de incalculáveis sacrifícios, para poder oferecer às suas alunas um campo de aprendizado, o treinamento indispensável à sua formação profissional.

Seria obvio argumentar diante da inteligente compreensão de V. Ex^a. o quanto se torna difícil usar para o ensino todo especial da Enfermagem que exige técnica e disciplina seguras, e um complexo aparelhamento didático, de laboratórios alheios onde trabalham outras entidades, administradas por outras instituições (DOS REYS, 1945, p.1).

No bojo da construção do Brasil como Nação, a enfermagem foi aos poucos sendo introduzida como forma de aliciar os brasileiros em torno de ideais nacionalistas, em que cada um deveria dar sua contribuição a favor de um país forte, soberano e desenvolvido. O altruísmo, a organização e solidariedade foram valores ressaltados pelas agências do governo e balizados pelos meios de comunicação impressa. No mesmo período em que se acentuou a movimentação em torno da afirmação da enfermagem enquanto profissão e nos princípios anteriormente referidos, desenrolou-se a organização e o estímulo à participação em um modelo de formação em enfermagem com ênfase na Primeira Guerra Mundial e mais fortemente durante a Segunda Grande Guerra, sob os auspícios e a responsabilidade da Cruz Vermelha Brasileira. O Curso para Enfermeiras Socorristas foi um importante instrumento de afirmação dos ideais militares e nacionalistas na história do país e pouco explorado na literatura sobre a enfermagem.

¹⁷ Lais Netto dos Reys assumiu a direção da escola em 1945 tendo sido a primeira diretora formada pela Escola de Enfermagem Ana Neri.

Enfermeiras Socorristas da Cruz Vermelha Brasileira

Durante a Segunda Grande Guerra Mundial, houve maior mobilização do país e das forças militares que, por conseguinte, mobilizaram também a participação de mulheres, representadas por enfermeiras, para prestar assistência aos soldados brasileiros que foram enviados ao combate. Com o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a Itália em 1944, foram designados 186 profissionais da área de saúde dentre os quais 67 eram enfermeiras¹⁸.

Segundo Bernardes e colaboradores (2005), o envio de enfermeiras ocorreu em função de solicitação dos aliados norte-americanos, diante da sobrecarga de trabalho de suas profissionais que estavam atuando no campo de batalha, como também pela necessidade de profissionais que falavam o português para atendimento aos combatentes brasileiros. Segundo ainda esses autores, a mobilização nacional espontânea, desenvolvida por pressão popular para a participação do país na Segunda Guerra, gerou a demanda por cursos de enfermagem e a inserção de profissionais desta área no serviço militar. A Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha, que possuía os cursos para enfermeiras profissionais (duração 3 anos), samaritanas (duração 1 ano) e voluntárias socorristas (3 meses), intensificou, entre 1942 e 1943, seus cursos, cujos regulamentos e programas deveriam ser aprovados pela Diretoria de Saúde do Exército do Ministério da Guerra. Embora profissionais formadas pela Escola Ana Neri tenham participado da equipe de voluntárias no campo de operações, a maioria expressiva foi de alunas preparadas pela Cruz Vermelha Brasileira. O recrutamento de voluntárias, para compor a Força Expedicionária Brasileira, tinha como exigência que elas passassem por treinamento dentro do Exército, antes de serem enviadas para a Itália, as quais, ao integrarem-se na FEB, passaram a enfermeiras da reserva do Exército Brasileiro.

Para Cytrynowicz (2000), a utilização, pelo governo Vargas, de enfermeiras, enquanto profissão enquadrada pelo Estado, constituiu um importante fator de mobilização das mulheres pelo Estado Novo e representou uma persuasiva imagem de mobilização civil, engendrada durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil, ou seja, a imagem da pátria-mãe dedicando os cuidados maternos a seus filhos atuantes no campo de batalha.

Os Cursos para Enfermeiras Socorristas da Cruz Vermelha Brasileira mobilizaram um contingente expressivo de mulheres na sociedade brasileira não apenas nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, mas também em cidades do interior de vários estados como parte dessa campanha de mobilização nacional em torno da construção do Brasil como grande nação¹⁹. Discursos inflamados, valorizando e estimulando a participação da mulher brasileira, podiam ser encontrados com facilidade nos meios de comunicação impressos.

Em 23 de janeiro de 1943, no jornal *Correio de Uberlândia*²⁰, encontra-se, na primeira página, a divulgação da instalação de um curso de emergência da Cruz Vermelha para formação de enfermeiras socorristas. O tom ufanista da reportagem ressalta

¹⁸ Além das 67 enfermeiras enviadas pela FEB foram também enviadas seis enfermeiras pela Força Aérea Brasileira (FAB).

¹⁹ CYTRYNOWICZ (2000) aponta que em 1942 foram oferecidos 44 cursos de enfermagem pela Cruz Vermelha, formando cerca de 2500 voluntárias.

²⁰ Município situado no estado de Minas Gerais.

o espírito de vanguarda da cidade pela iniciativa de oferecer ao Brasil o seu primeiro contingente de enfermeiras socorristas, organizado pela professora Ilda Borges, monitora da Cruz Vermelha Brasileira, com apoio do prefeito Vasco Gifoni, da Legião Brasileira de Assistência, coordenada pelas *mais destacadas senhoras e senhoritas* da sociedade e por médicos locais que, segundo o jornal, em breve assistiriam *com alegria o desfilar de suas enfermeiras socorristas, dispostas a cerrar fileiras para defesa de nossa Pátria* (Correio de Uberlândia, 1943, p.1). O mesmo jornal destaca o gesto patriótico das mulheres uberlandenses, que se unindo às mulheres do Brasil de todas as classes sociais, como *abnegadas patrícias* levariam bem longe o nome de sua terra e de seu povo. Esse fato vem corroborar a afirmação de Cytrynowicz (2000, p.77) de que a mobilização para a guerra não apelava às mulheres apenas como enfermeiras, mas também à mulher brasileira, à qual cabia *transformar seu amor pelo homem-soldado, que partia para a guerra, em patriotismo*.

Considerações Finais

Pelo estudo aqui apresentado, percebe-se que a enfermagem no Brasil foi mais do que nunca reforçada e aclamada no ideário nacional como uma profissão ligada à disciplina, generosidade, renúncia, caridade e sacrifício por seus semelhantes, cujo exercício requeria um esforço espartano. Tais aspectos podem ser encontrados no discurso pronunciado pelo Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, em 14 de novembro de 1942, como paraninfo da turma de Samaritanas da Cruz Vermelha:

Agradeço a honra pelo que nela há de conforto pessoal, mas, sobretudo, pelo que nela expressa à mulher brasileira, através das Samaritanas, de amparo e aplauso à conduta política exterior do Brasil. [...] Nenhum mister, por isso, merece maior admiração, nenhum outro vai mais alto nas regiões da espiritualidade pura, nenhum exige mais como sacrifício, como renúncia pessoal. [...] Não pretendo traçar aqui o quadro da histórica cooperação feminina, mas quero acentuar que a integração completa da mulher na vida econômica, intelectual e pública das nações, em pé de igualdade com o homem, foi a maior e mais profunda transformação política dos últimos tempos. [...] E mais, assumistes os encargos do sacrifício, do apostolado e da caridade não só para a paz, mas para a guerra que pôs o mundo a sangue e já feriu e ameaça ferir ainda mais nosso Brasil (ARANHA, 1942, p. 1-6).

Essa herança não abandonou até hoje aqueles que exercem essa profissão, dada a extenuante jornada de trabalho a que têm de submeter-se, aos baixos salários recebidos, à dedicação e ao forte sentimento de altruísmo exigidos da enfermagem. Como se pode ver até aqui, a construção histórica da profissão aconteceu em meio a turbulências de grandes conflitos do século XX. O estudo das fontes primárias e secundárias apresentadas nesta pesquisa evidencia uma vez mais que os acontecimentos de uma determinada época são resultados de influências geradas em uma rede entre instituições públicas e privadas, da sociedade de modo geral, de profissionais e seus órgãos representativos, atrelada, principalmente, aos processos políticos e econômicos que colocam suas marcas nas entrelinhas de cada ação instituída.

Fontes

ARANHA, Oswaldo. *[Discurso]*. Discurso pronunciado pelo Ministro Oswaldo Aranha, paraninfo em 14 de novembro das moças que terminaram o curso de Samaritanas. [Arquivo Oswaldo Aranha. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas- CPDOC/FGV, ref. pi 42.11.14], 1942.

ATTITUDE OF DOCTORS AND STUDENTS. *[Relatório]*. Relatório do Serviço de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública do Brasil. Coleção Fundação Rockefeller. [Departamento de Arquivo e Documentação Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, ref. Doc. 224], 1923.

BRASIL, Ministério da Educação e Saúde. Departamento Nacional de Saúde. *[Relatório]*. Enfermeiras de Saúde Pública. Rio de Janeiro (RJ). [Arquivo Gustavo Capanema- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas- CPDOC/FGV, ref. GC 40.01.04], 1941.

BRASILEIRA, Iracema Índia. *History of preliminary term of the class of 1925 of Hospital São Francisco de Assis, School of Nursing*. Coleção Fundação Rockefeller. [Departamento de Arquivo e Documentação Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, ref. Doc. 055], 1925.

CORREIO DE UBERLÂNDIA, Ano V, n. 1091, 23 jan. 1943. [Acervo Arquivo Público de Uberlândia].

DOS REYS, Lais Netto. *[Ofício]*. Ofício enviado pela diretora da Escola de Enfermagem Ana Néri ao Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema solicitando a cessão do Hospital São Francisco de Assis pela Prefeitura do Rio de Janeiro a este Ministério para que o mesmo pudesse ser transformado em seu hospital escola. [Arquivo Gustavo Capanema- CPDOC/FGV, ref. GC 40.01.04], 1945.

SOPER, Fred. *[Ofício]*. Ofício enviado pelo diretor da Divisão Sanitária Internacional da Fundação Rockefeller ao Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, 04 mar. 1942. Rio de Janeiro. [Arquivo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas- CPDOC/FGV, ref. GC 40.01.04], 1942.

Referências

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; GERTRUDES Teixeira Lopes; SANTOS, Tânia Cristina Franco. O cotidiano das enfermeiras do Exército na Força Expedicionária Brasileira (FEB) no Teatro de Operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945). *Rev. Latino-Americana de Enfermagem*, v. 13, n. 3, p. 314- 321, mai. /jun. 2005. Disponível

em: <<http://www.eerp.usp.br>>. Acesso em: 8 fev. 2008.

CYTRYNOWICZ, Roney. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. *Hist. Cienc. Saúde- Manguinhos*, v.7, n. 1, Rio de Janeiro., p. 73- 91., mar./jun. 2000.

KLETEMBERG, Denise Faucz; SIQUEIRA, Márcia T. A. Dalledone. A criação do ensino de enfermagem no Brasil. *Cogitare em Enfermagem*, Curitiba, v.8, n.2, p. 61-67, 2003.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, v.5, n.3, Rio de Janeiro, p. 621- 645, nov./fev. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 21 jan. 2008.

MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando; OGUISSO, Taka. Registros noticiosos sobre a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras na revista “O Brazil-Médico”, 1890- 1922. *Revista Esc. Enferm. USP*, n.º. 36, v.4, p. 402-7, 2002.

NASCIMENTO, Maria Elisa Brum do; OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. Caminhos e desafios da enfermagem no Brasil. *Revista HISTEDBR on-line*, Campinas, n. 23, p.131-142, set. 2006. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>>. Acesso em: 18 mar. 2008.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. et al. Enfermeira: a construção de um modelo de comportamento a partir dos discursos médicos do início do século. *Revista Latino – Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.5, n.4, p. 25- 33, out. 1997.

PORTO, Fernando; SANTOS, Tânia Cristina Franco. A divulgação da competência técnica em socorro das enfermeiras da Cruz Vermelha (SP) nas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial (1917-1918). *Revista Eletrônica de Enfermagem*. V.8, n.2, p. 273- 281, 2006. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/revista8>>. Acesso em: 9 fev. 2008.

STUTZ, Beatriz Lemos. *Técnico em enfermagem: o perfil traçado por profissionais da área, no município de Uberlândia, nos anos 90*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, 1998.

Recebido em janeiro de 2010

Aprovado em abril de 2010